UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Ivone Jagnigri da Silva

MUDANÇAS HISTÓRICAS MARCANTES DA FAUNA E FLORA PARA OS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA

Terra Indígena Guarita, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 10 horas , na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor , Orientador **Natália Hanazaki** e Presidente, Professor **Marian Ruth Heinenberg**, Titular da Banca, e Professor, **Nivaldo Peroni**. Suplente, designados pela Portaria nº17/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Ivone Jagnigri da Silva**, subordinado ao título:" História Ambiental da Terra Indígena Guarita - Fauna e Flora". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Natália Hanazaki** , a nota final 10,0 (dez), do Professor **Marian Ruth Heinenberg**, a nota final 10,0, e do Professor , **Nivaldo Peroni** a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis,30 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. .....

Prof. .....

Prof. .....

Candidato Ivone J. da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a)_Ivone Jagnigri da Silva, matricula n.°11100059, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **MUDANÇAS HISTÓRICAS MARCANTES DA FAUNA E FLORA PARA OS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 24 de fevereiro de 2015.

Orientador(a)

Ivone Jagnigri da Silva

MUDANÇAS HISTÓRICAS MARCANTES DA FAUNA E FLORA PARA OS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA

Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) para graduação em Gestão Ambiental

Orientadora: Natalia Hanazaki

Terra Indígena Guarita, 2015

Sumário

Sumário 2

Agradecimentos 3

RESUMO 4

TU VÊME SÎ 4

Apresentação 5

1. INTRODUÇÃO 6

2. ÁREA DE ESTUDO 9

2.1. SETORES EM ESTUDO 10

3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS 11

4. Resultados e discussão 13

4.1. Compreensão do meio ambiente pelos kaingang 13

4.2. Quantidade de mata e animais em três setores da T.I Guarita em relação ao passado 18

4.3. O que provoca diminuição das espécies de animais e vegetação nativa como preocupação cultural kaingang 30

5. Considerações finais 33

6. Referências bibliográficas 34

Agradecimentos

A Topẽ (Deus) por ter me dado força, saúde para superar as dificuldades encontradas nos quatro anos de estudo.

À minha família que esteve sempre do meu lado dando apoio mesmo longe de mim, meus filhos Cristiano, Denise e Alexsandro.

À minha querida mãe que muito colaborou com seu conhecimento e me protegeu com suas orações .

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que abriu esta oportunidade que hoje vislumbro um novo horizonte superior.

Aos professores que me ajudaram acreditando no meu potencial.

À minha orientadora professora e doutora Natalia Hanazaki pela atenção e amizade enquanto desenvolvi meu projeto de pesquisa.

Aos coordenadores do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica que sempre foram atenciosos para mim.

Aos sábios da minha comunidade Laranjeira que muito me ajudaram em minha trajetória acadêmica.

Às lideranças da comunidade Laranjeira que sempre me deram apoio e compreensão.

À diretora Dilce Inês Renz da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Herculano Joaquim onde trabalho, que foi compreensiva dos meus estudos.

Aos meus queridos e amados alunos que sempre colaboraram comigo nas aulas de campo para observações ambientais.

À todos meus colegas da turma Kaingang que sempre batalharam comigo buscando alcançar nossos objetivos.

Aos meus colegas da terminalidade Gestão Ambiental que muito colaboraram trocando conhecimentos das três etnias Guarani, Kaingang e Xokleng/Laklãno.

A todos meus amigos e amigas que de uma ou de outra forma acompanharam minha trajetória e deram palavras de incentivo para mim.

RESUMO

A preocupação com a preservação ambiental vem sendo muito discutida pelos pesquisadores e ambientalistas que estudam a importância da flora para o bem estar do planeta. Assim também como a fauna, que compreende todas as espécies de animais e que estão relacionados à flora. Nesse caso, o presente trabalho refere-se a pesquisar a importância desses dois elementos para a cultura Kaingang na Terra Indígena Guarita. Buscando informações e conhecimentos ecológicos que são parte da cultura Kaingang acompanhando e observando estes elementos em três comunidades, de maneira a fazer parte de um processo de conservação das espécies.

Palavras chave: Preservação; Espécies; Cultura Kaingang

TU VẼME SÏ

Ũn vẽnhkaijrãnrãn mág han nỹtï ag vỹ nãn kirïr ke tu Kanã jur mág mỹ há, kỹ vỹ to vẽmén tï, nén ũ ki há Kar na mré hã, ãg ga mág ta há nïj kem ré hã. Kỹ vỹ nén ũ rïnrïr kar mré hã mỹ há tij mu, nãn ga kar, ka mré hã. Hã kỹ tag tu jykrén kỹ projeto tag vỹ ãg ga mág tỹ Guarita kãki vãme tag tu venhrán ge tu han ka nï. Kanhgag tỹ nãn kar nén ũ rïnrïr kar tu ki kajró ãn tu vỹ vãnhkajró nón tïg mũ ãmã sï tẽgtũ ki, ag tỹ kirïr ke tu jykrén kinhrãg jé gé.

VẼNHVÏ HÁ: Kirïr; Ũntỹ ũ e; Kanhgág tũpẽ;

Apresentação

Meu nome é Ivone Jagnigri da Silva, aluna do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina, na qual ingressei em 2011 através de processo seletivo de alunos indígenas. Quando fiz minha opção para entrar nesta universidade, com muito prazer escolhi a Terminalidade Gestão Ambiental, porque o titulo já me motivou, que tinha tudo para ser sobre a natureza e a biodiversidade, pois adoro ciências e matemática. E hoje, no ano de 2015, já estou encaminhando o trabalho de conclusão de curso com o tema Mudanças Históricas Marcantes na **Fauna** e **Flora** para os Kaingang da Terra Indígena Guarita. O assunto sobre o meio ambiente, biodiversidade me chamaram muita atenção no decorrer do curso. Pois os conteúdos desenvolvidos nas disciplinas que foram aplicadas nessa Terminalidade estavam voltados à importância da conservação e preservação desses elementos da natureza, para o bem estar da vida de todos os seres vivos, tanto animais como vegetais, os seres humanos e sua relação com o mesmo.

1. INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Guarita é uma das maiores terras indígenas em sua extensão territorial e populacional do Rio Grande do Sul, localizada no noroeste do estado (Figura 1). A sua demarcação oficial ocorreu em 1918 pela Comissão de Terra de Palmeiras, RS e a redemarcação ocorreu em 1997 (PORTAL KAINGANG, 2006).

Atualmente a TI conta com 23.406.87 hectares e uma população aproximada de 7.000 habitantes, e ainda apresenta grande quantidade de vegetação nativa com característica da Mata Atlântica, que é uma das riquezas e belezas naturais que se encontra dentro de uma terra indígena. Ela abriga duas etnias indígenas com culturas completamente diferentes: Kaingang e Guarani. A maioria da população é do povo Kaingang, que possui um cacique; o pequeno grupo do povo guarani também possui seu cacique e sua própria organização.

Em uma conversa informal com a funcionária da FUNAI Ana Maria (comunicação pessoal, 2014), ela dizia que o território da Terra Indígena Guarita é dividido em 17 setores (comunidades) incluindo os Guaranis, sendo elas: Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, Linha Esperança e Km 10, que pertencem ao município de Tenente Portela; Pau Escrito, Linha Mó, Bananeiras, Setor Linha Taquaruçú, Missão Indígena, Mato Queimado, Laranjeira, Irapuá, Linha São Paulo e Estiva, que pertencem ao município de Redentora; além disso, Capoeira dos Amaros e Gengibre são aldeias guaranis que pertencem ao município de Erval Seco. Cada setor tem sua forma de organização junto a seu capitão que é o líder da comunidade, que ajuda na administração e nos planejamentos a favor das melhorias, criando políticas internas junto ao cacique, o líder maior dentro da Terra Indígena.

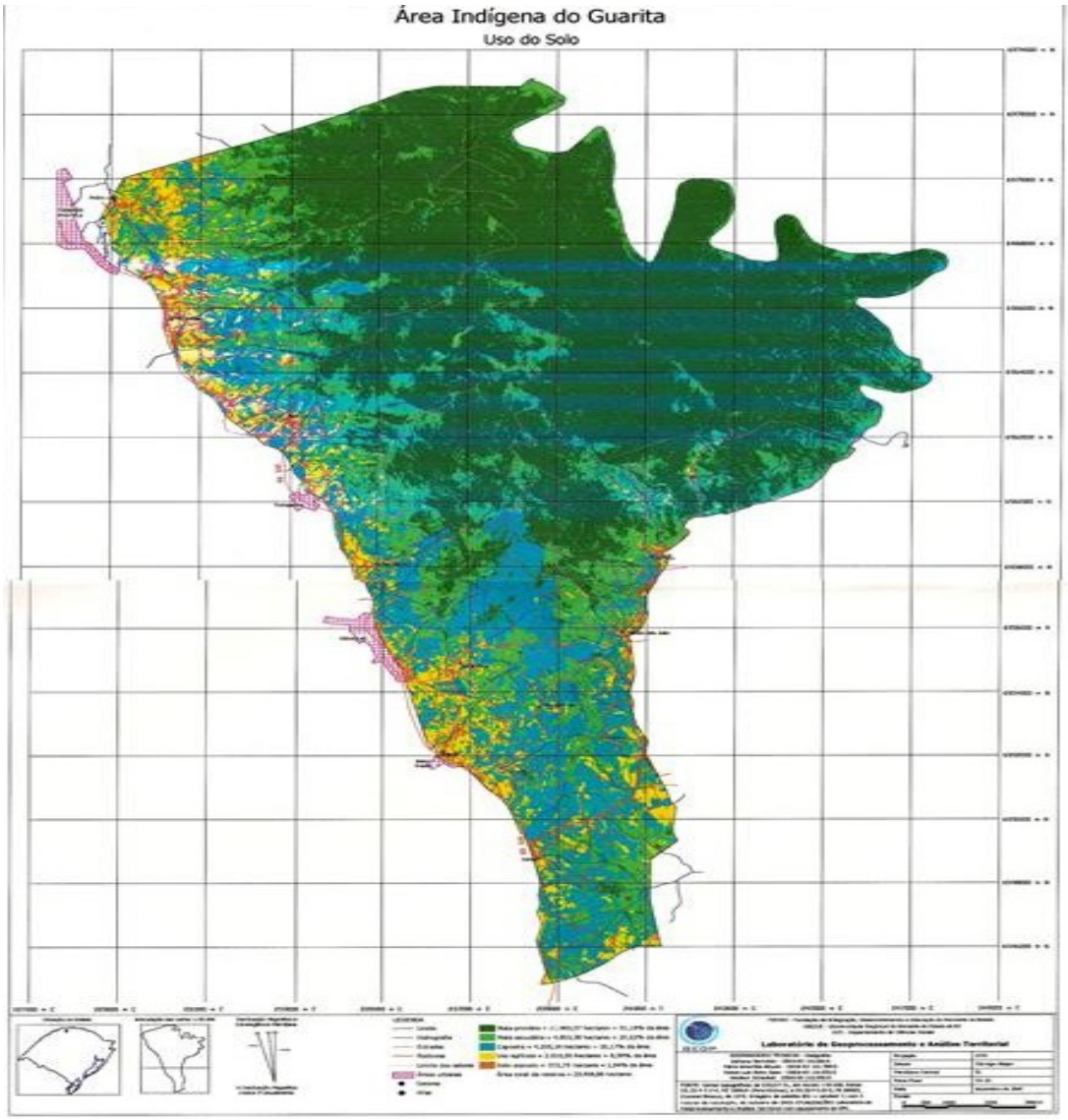

Figura 1: Terra Indígena Guarita. Fonte: Portal Kaingang (2014).

Para desenvolver esta pesquisa foram escolhidas três comunidades dentro da TI Guarita, que são: Setor Linha Taquaruçú (Katiú Griá), Missão e Laranjeira. Nelas, a atividade de pesquisa buscou informações procurando conhecer um pouco da históriade formação e o nome que esses locais tinham antes dos seus nomes atuais, analisando como era o meio ambiente antes do aumento gradativo da população e do contato direto com o não índio. Associado a essas mudanças, a pesquisa também buscou relatar os problemas que provocam mudanças ecológicas e ambientais no decorrer dos anos e, com isso levantar informações que esclareçam como as mudanças ambientais estão acontecendo também nos dias de hoje. Para isso, foram utilizadas várias metodologias de pesquisa, como pesquisa de campo,

observação, documentos, bibliografias, e entrevistas com algumas pessoas das comunidades escolhidas dentro da TI Guarita.

Também foram utilizados referenciais teóricos para o desenvolvimento deste trabalho baseando-se em alguns autores que estudaram assuntos semelhantes ao tema em estudo como a importância e utilidade das plantas e a ligação entre o Kaingang e a natureza no passado. Segundo Oliveira (2009), investigou a relação entre os índios guaranis da Terra Indígena M'Biguaçú – SC, a ligação entre a natureza e a vida do ser humano é muito forte, principalmente no caso dos indígenas que, além de conhecer todos componentes da natureza, utilizam os recursos naturais. Mas com a evolução da humanidade foi aparecendo costumes diferente causando impacto entre cultura indígena e não indígena. Nesse aspecto, os kaingang ainda resistem com força e determinação preservando a vegetação nativa como fonte de recursos naturais segundo alguns autores também relatam em seus trabalhos. Por exemplo, Pörsch (2011) em seu trabalho de conclusão de curso fala sobre variedade de árvores e sua utilidade para os Kaingang da Terra Indígena Guarita, e descreve que a área possui grande quantidade de vegetação nativa composta por diversos tipos de plantas que eles utilizam para a sua saúde, alimentação e artefatos.

A importância das plantas para a cultura indígena também foi estudada por Haverroth (2013), em um livro organizado por ele com outros pesquisadores, onde são destacadas pesquisas sobre plantas medicinais utilizadas para diversos tipos de doenças na cultura indígena. Haverroth (2007) também estudou o uso e a classificação de plantas pelos Kaingang da Terra Indígena Xapecó, em Santa Catarina.

Adicionalmente, o livro de Albuquerque (2005) comenta sobre o manejo adequado da flora pelos indígenas, pois eles possuem grande respeito pela natureza e criam políticas próprias de conservação e manejo de forma a não degradar o seu ambiente. Nesse caso, a preocupação é que mais registros são necessários, pois é pouco conhecida a importância da fauna e flora na cultura dentro de uma Terra indígena.

Neste trabalho de conclusão de curso procuro defender três hipóteses. Na primeira, a ideia é descobrir se para os Kaingang a fauna e a flora descrevem uma história de vida relacionada à natureza, pois viveram sempre em contato com ela.

Na segunda, a perspectiva é se a Terra Indígena Guarita ainda possui variedades de fauna e flora que são importantes e utilizadas ainda pelos indígenas locais. A terceira tem o propósito de esclarecer se essa relação entre o kaingang e natureza é motivo da preservação ambiental na cultura Kaingang. Neste sentido, a partir dos estudos de pesquisas realizadas nas três comunidades escolhidas para o desenvolvimento do trabalho na Terra Indígena Guarita buscou-se reconhecer a história da vegetação e a forma de ligação do Kaingang com ela, revelando elementos que ajudarão construir uma perspectiva histórica em relação à flora e à fauna, que são elementos importantes na T.I. Guarita.

Esta pesquisa tem como objetivo geral buscar uma compreensão da história do meio ambiente na T.I Guarita a partir do conhecimento local sobre a importância da fauna e da flora para os Kaingang tanto no passado como atualmente.

Os objetivos específicos são:

- Descrever a forma de compreensão do meio ambiente estabelecido pelos Kaingang;
- Mostrar a quantidade de mata, tipos, variedade de planta nativa e animais na T.I Guarita em relação ao passado;
- Avaliar o que provoca diminuição das espécies de animais e vegetação nativa como preocupação cultural kaingang.

2.ÁREA DE ESTUDO

A presente pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena Guarita, município de Redentora – RS, Brasil, através da coleta de dados nos setores Linha Taquaruçú, Missão e Laranjeiras. Ela se localiza no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, ocupando parte dos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco.

A principal língua falada é o Kaingang, que vem do tronco Macro Jê; além disso, o português é bastante utilizado atualmente. Na TI vive também uma minoria do povo Guarani, que utiliza a própria língua guarani e o português. São duas culturas completamente diferentes, mas que tem em comum a preocupação com a preservação de sua cultura e costumes e a preservação e conservação do meio ambiente. No passado, a natureza era tudo para estes dois povos, pois é dela que vinha a sobrevivência, os alimentos, a medicina, e a proteção. Mas houve mudanças gradativas após o aparecimento do intruso não índio, que foi trazendo um modo diferente de viver. Hoje estes dois povos continuam vivendo em contato com a natureza, mas de forma diferente. Para conhecer mais sobre esses fatos a pesquisa foi realizada nas três comunidades que serão caracterizadas a seguir.

2.1. SETORES EM ESTUDO

O setor Laranjeira é uma comunidade pequena composta por 40 famílias com um território de 96 hectares e um total de 205 pessoas. Possui uma escola que trabalha apena o currículo das séries iniciais, um posto de saúde, uma igreja evangélica. Ele faz divisa com outras três comunidades vizinhas, que são os setores Missão, Mato Queimado e Estiva, também faz divisa com terra não indígena. Na comunidade Laranjeira há grande extensão de lavouras com plantações mecanizadas de soja. Além disso, há plantação de milho, feijão em pouca quantidade. E a vegetação nativa ainda prevalece em partes, resistindo à dominação agressiva das pessoas que não se preocupam com a natureza.

O setor Missão é maior que a Laranjeira em seu tamanho territorial, com aproximadamente 4.000 hectares. A comunidade da Missão é composta por 168 famílias e 715 pessoas aproximadamente no total, segundo os dados obtidos com o técnico em enfermagem Valdoir Vasco da Silva (comunicação pessoal, 2014). Possui uma escola com ensino fundamental completo, um posto de saúde bem equipada, quatro igreja com diferentes religiões que são: Assembleia de Deus, Universal, Só o Senhor é Deus e Deus é amor, um campo de futebol, uma liderança que é vice-cacique e um capitão. Ela faz divisa com os setores Bananeira, Mato Queimado, Laranjeira, Linha Taquaruçú (Katiu Griá) e com terras não indígenas. Possuem grande extensão de lavouras mecanizadas de soja, algumas de milho e

feijão, mas também um bom tamanho de área com vegetação nativa diversificada e alguns animais nativos que aparecem na localidade.

O setor Linha Taquaruçú, ou (Katiu Griá), possui tamanho territorial de aproximadamente 2.000 hectares, com 45 famílias num total de 200 pessoas segundo informações dadas pelo agente de saúde Gilberto Sales, 30 anos, morador da comunidade (comunicação pessoal, 2014). A localidade tem uma escola com ensino fundamental completo, um posto de saúde bem equipado, uma igreja evangélica, campo de futebol e um capitão que cuida da comunidade. Ela faz divisa com o setor Missão, Capão dos Amaros (Aldeia Guarani) e com a terra não indígena. Nela também se encontra uma grande extensão de vegetação nativa, com alguns animais nativos.

3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através do exercício de pesquisa de campo, cujos procedimentos incluíram visitar as comunidades para observar os tipos de matas, que espécies estão presentes e que espécies de animais ainda aparecem e como se comportam diante das pessoas.

Foram feitas entrevistas com algumas pessoas de cada comunidade. Procurei entrevistar a liderança de cada comunidade e pessoas que moram na comunidade por mais tempo principalmente perto da mata, ou seja, mais no interior das comunidades. Entretanto, nem sempre as pessoas estavam disponíveis para a entrevista. As entrevistas foram baseadas em um roteiro de perguntas abertas sobre as espécies de árvores que mais se encontram no setor e suas principais características de uso; sobre os animais que aparecem na região, incluindo os peixes, e sobre seu uso e consumo; e sobre a preservação das matas e suas principais ameaças (roteiro de entrevistas no ANEXO).

A pesquisa bibliográfica e documental consistiu em procurar livros e outras referências com o assunto da pesquisa. Incluiu buscas na internet (acesso a sites onde se encontra assuntos sobre o tema em pesquisa).Também foram listados

nomes em kaingang e português mostrando as espécies de árvores que são encontradas em cada comunidade pesquisada, como também os animais da mata. Adicionalmente, para complementar as informações, foi usado o procedimento de realizar entrevistas informais com diferentes moradores, seguidas de anotações no diário de campo.

Foram entrevistadas duas pessoas no setor Laranjeira: Dona Teresa Gria, de 78 anos de idade, moradora da comunidade, e o senhor Norberto Emilio, 44 anos de idade, que é liderança da comunidade.

No setor Missão foi entrevistada um pessoa: dona Francisca Amaro,de 92 anos de idade, moradora na comunidade.

No setor Linha Taquaruçú foi entrevistado senhor Gilberto Sales, 30 anos de idade, agente de saúde indígena e morador da comunidade e Joraci Fortunato, 40 anos de idade, moradora da comunidade.

Informações complementares foram obtidas a partir de aula de campo com os alunos do 5º ano da Escola Indígena Herculano Joaquim, realizada em agosto de 2014. Foram também utilizadas informações complementares obtidas em aula de campo com os alunos do 7º ano B da Escola Indígena Davi Rygjo Fernandes, Missão, realizada em outubro de 2014.

Nos setores Laranjeira, Missão e Taquaruçu foram feitas estimativas do número de árvores. Na Laranjeira essa estimativa foi feita junto com os alunos da Escola Herculano Joaquim, numa área de mata perto da escola. Na Missão essa estimativa foi feita durante a aula de campo com os alunos da Escola Davi Rygjo Fernandes, numa área perto da escola. Na Taquaruçu foi feito um percurso ao redor da comunidade. Esses percursos e caminhamentos não tiveram uma distância e uma área delimitada e padronizada e serviram como uma informação complementar e ilustrativa da presença de diferentes espécies nas aldeias.

A pesquisa de campo foi feita durante o ano de 2014. Também foram utilizadas informações de uma entrevista feita por mim quando fazia curso de magistério específico indígena em 2005 com dona Francisca Camargo, na época com 83 anos, antiga moradora do setor Taquaruçú (Katiu Gria) e hoje já falecida.

4. Resultados e discussão

4.1. Compreensão do meio ambiente pelos kaingang

A biodiversidade é a parte fundamental para a continuidade da vida, para isso ela precisa ser manejada de forma adequada para a cultura Kaingang. O meio ambiente e sua composição, incluindo as matas, rios e animais, são muito importantes para os Kaingang, pois no passado o seu meio de sobrevivência era totalmente dependente da mata. Com isso, os indígenas viviam livres entre a grande extensão de vegetação que existia na Terra Indígena Guarita. No passado, a região era coberta por vegetação de araucária (ou pinhão, *Araucaria angustifolia*), que servia de alimento (sr. Orestes Lisboa, morador antigo da região que vivenciou a história da TI, comunicação pessoal, 2014). Assim, também estava presente grande quantidade arvores frutíferas, variedades de folhas consumíveis, como tambémgrande número de animais para caça e os Kaingang viviam caçando para consumo. Os rios eram compostos por grande quantidade e espécies de peixes para alimento e as famílias viviam acampados a beira do rio para se alimentar de peixe. Com o passar dos anos, o ambiente foi passando por modificações e aos poucos foram acontecendo mudanças na paisagem nativa da TI Guarita. Segundo o sr. Orestes, foi na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) que começaram a tirar as madeiras de araucária dizendo que era para fabricar tábuas e construir moradias para os indígenas. Diz ele que foi trazida até uma serraria para dentro da TI onde os indígenas ajudavam a fazer as tábuas, foi então que a devastação das madeiras foi acelerada. Até os dias de hoje, as pessoas mais velhas informalmente relataram sua decepção com os fatos que modificaram a paisagem: "*E foram os* ***fóg*** (não índio)*, eles foram trazendo coisa diferente para convencer o kaingang fazer troca e assim fora introduzindo suas coisas e foram tirando nossas madeiras e nós éramos obrigados ajudar a carregar as madeiras no caminhão ainda*" (Cipriano Gria, 89 anos de idade; Francisco Ferreira 85 anos de idade).

Com isso, percebe-se que tais mudanças ambientais que acontecem resultam da ação humana sobre o ambiente e essas informações fazem parte da história ambiental na Terra Indígena Guarita. Segundo o artigo escrito por Pádua (2010), a história ambiental vem sendo estudada pelos historiadores desde a antiguidade. E a

ação humana sobre o ambiente provoca impactos sobre a natureza ao longo do tempo, dando uma visão de natureza como uma história em processo de construção e reconstrução (PÁDUA, 2010).

Hoje na Terra Indígena Guarita há uma parte muito grande de vegetação nativa bem conservada. Como, sua área total de 23.406,87 hectares, ela possui uma cobertura vegetal de mata é de aproximadamente 70%, quando consideramos os dados da Tabela 1 para mata primária e mata secundária. No entanto, é importante refletir sobre a definição de mata primária usada nos cálculos da Tabela 1, pois esses dados podem se referir a florestas em estágios avançados de sucessão, e não mata primária propriamente dita.

Mata primária	51,18%
Mata secundária	20,52%
Capoeira	18,17%
Uso Agrícola	8,59%
Solo exposto	1,54%

Tabela 1. Cálculos dos tipos de vegetação e cobertura do solo na TI Guarita. Fonte: Portal kaingang, acessado em outubro de 2014.

Essa vegetação primária que consta na Tabela 1 é composta por diversas espécies de plantas nativas com características próprias, que ficam nas áreas mais baixas, próximo ao rio Guarita, abrigando grande quantidade de animais e aves silvestres.

De acordo com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, SEMA (2005), além da alta taxa de cobertura vegetal nativa, a Terra Indígena da Guarita concentra o maior contingente populacional do povo Kaingang. Em relação às áreas de mata, elas não são de posse de nenhuma família, podendo ser usufruídas por todos os membros da comunidade indígena, sem qualquer tipo de restrição para transitar, caçar, pescar, coletar mel, lenhar e coletar matéria prima para confecção de artesanato. As características da vegetação original, de acordo com o Instituto

Socioambiental, ISA (2010), correspondem ao bioma Mata Atlântica, com Floresta Ombrófila Mista (31,33%) e Floresta Estacional Decidual (68,67%) (ISA, 2010).

Para os Kaingang todos os vegetais são importantes, pois são todos seres vivos que possuem espíritos muito fortes e há uma relação muito forte com as duas metades tribais (**kamẽ rá téj**, e **kanhru rá ror**) que são muito respeitadas na cultura Kaingang.

As plantas estão associadas a essas duas metades onde os kaingang observam através do formato das folhas para classifica-las. As plantas com folhas arredondadas são da metade **kanhru** e as plantas com folhas compridas são da metade **kamẽ** (Figura 2), como também foram observadas por Haverroth (2007).

Figura 2. **Póvéj kamẽ** (à esquerda) e **Pyrfé kanhru** (à direita). Fonte: pesquisa de campo.

Por isso, na cultura kaingang, quando se necessita tirar uma madeira da mata deve-se pedir, através de ritual, para tirar a folha, casca, ou raiz de uma árvore para fazer chá. A pessoa conversa com a árvore falando o motivo de pegar aquelas folhas, por exemplo, para tratar das doenças ou de outro problema para que a natureza possa agir conforme a necessidade da pessoa. Para caçar animais é a mesma coisa, deve-se fazer com muito respeito, apenas buscar aquele animal que

precisa caçar, pois o kaingang sabe em que [1]**Kysẽ** esse animal está exposto para ser caçado. Um autor que estudou assunto semelhante foi Mouzer (2011), que destaca em seu trabalho de conclusão de curso sobre os Mbya Guarani que a natureza é composta pela mitologia e pela cosmologia, pois nela estão presentes os espíritos que os guiam e através dela os indígenas conseguem prever os acontecimentos (MOUZER, 2011).

No passado os kaingang acreditavam que a mata era a base da conservação de sua cultura. Pois nela buscavam todo conhecimento da religiosidade, das crenças espirituais, da educação de suas crianças, jovens e adultos, para a melhoria da saúde, da agricultura e muitas outras funções. E quem fazia toda essa interação com a natureza eram as pessoas velhas (anciões) e o[2]**Kujá**. As matas funcionavam como renovação e armazenamento de alimentos. É lá que se encontrava a lenha, determinadas plantas medicinais, as madeiras resistente para construção de casas, as frutas preferidas, pois havia muitas variedades e se caçava o animal que se queria pois havia muitos. Eles sabiam muito bem como fazer isso sem dificuldades para sua sobrevivência em relação aos recursos naturais: a floresta, os animais, a água dos rios e os peixes. Conheciam bem os hábitos dos animais, em que épocas de procriação, de que se alimentam, quando podem ser caçados e como caçá-los. Conheciam as plantas, tanto aquelas que fazem bem para a saúde e como as que são prejudiciais ou venenosas. Como exemplo, a planta usada para pescaria [3]**kẽjá** ou **pénjo** (matança de peixes) em épocas de seca é um tipo de cipó venenoso, queeram cortados e batidos com pedra e depois jogados na água onde há muitos peixes. Esse veneno mata ou atordoa os peixes, facilitando pega-los. As pessoas iam em peso buscar para comerem pois essa planta não causa mal nenhum a saúde de quem come os peixes. Essa atividade era muito praticada até há pouco tempo atrás, mas atualmente não está acontecendo mais. Também era usada outra planta venenosa para caçar, nesse caso, na ponta das flechas. Mas segundo a pesquisa entre os Kaingang a atividade de caça não é mais praticada como antigamente.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, RCNEI/Indígena (1998), "Também devemos conservar nosso meio ambiente,

[1] Kysẽ quer dizer lua, kysẽ sa tẽg (nova), kysẽ mog tẽg (crescente), kysẽ ror (cheia), kysẽ sĩ (minguante), mas também Kysẽ significa mês quando ele completar todo esse ciclo podemos dizer que passou Kysẽ pir (um mês) na cultura kaingang.

[2] Kujá é uma pessoa muito importante no passado kaingang, tinha função de líder, pai, médico, e entrava em contato com os espíritos da natureza.

[3] É um tipo de atividade praticada pelos kaingang para matar peixes em épocas de seca, para chamar chuva.

reflorestar onde não se tem mais mata. Porque antigamente, por causa da mata pudemos conservar mais a nossa cultura: nela a religião, a educação a saúde, a agricultura, compõe um todo integrado" (RCNEI/Indígena, 1998, pg. 93 – 94)

Todo esse conhecimento é fruto da convivência com a natureza e foi adquirido na prática desde a infância do Kaingang, e também aprendido com os mais velhos. Buscavam na natureza alternativa para seu sustento e autonomia econômica, social e política. Os conhecimentos, os significados das coisas iam sendo relacionados às noções de espaço e tempo em uma expectativa sobre a passagem dos anos, meses, semanas, dias, horas e das estações do ano. Pois ao longo dessa compreensão e o entendimento eles adquiriam diferentes formas de pensar sobre as relações entre o kaingang e a natureza, criando concepções acerca dessa relação.

Conforme relata Jẽsĩ (1997),"antigamente, a mata que existia era muito grande, o que obrigava os membros de uma família se deslocar mato adentro para visitar os parentes e podiam caminhar dia e noite, pois acreditavam muito nas plantas nativas, nos animais e nos pássaros. E os pássaros são considerados muito importantes para os kaingang, também são muito respeitados. Na cultura Kaingang muitos seres vivos podem representar presságio ou aviso de acontecimentos futuros. Por exemplo, o [4]**tỹtỹ**, é um pássaro que vive na mata semelhante a um curuvira. Dependendo da maneira como canta, anuncia a ocorrência de problemas nas próximas horas. No momento que uma pessoa escuta ele cantar **tỹtỹ**, **tỹtỹ**, **tỹtỹ**, é sinal de perigo. A pessoa pode ter algum problema durante as próximas horas. A partir daí a pessoa deve tomar cuidado e vigiar em seus atos para nada lhe acontecer. Mas, além disso, ele também avisa para o bem. Isso se da conta quando a pessoa escutar o canto **sẽg**, **sẽg**, **sẽg**, e deve ficar alegre, porque esse canto está avisando que não há problemas a vista e que o perigo já passou. [5]**Jor** também é um tipo de pássaro semelhante a um sabia. No momento que se houve o canto **joror**, **joror**, **joror**, é sinal para os membros da comunidade que um determinado tipo de doença vai atacar. Se ela cantar mais de uma vez é motivo de preocupação para as pessoas. Mas ele também pode avisar que a pessoa terá uma surpresa agradável como, por exemplo, uma visita inesperada, uma boa colheita, muita sorte, quando ele canta **ge**, **ge**, **ge**. Por isso os Kaingang viviam alerta aos movimentos da

[4] Pássaro de tamanho pequeno que vivia nas matas da TI não foi descoberto o nome.
[5] Pássaro muito respeitado mas não foi descoberto seu nome.

natureza, porque acreditam que os problemas trazidas por elas serão também resolvidos por ela" (Jẽsĩ, 1997,p. 172-174).

De acordo com relato informal do senhor Jesus Gria, 74 anos de idade, morador da comunidade Laranjeira, essa relação ia criando manifestação através da marcação de tempo, através do qual iam fazendo planejamentos que integram na sua cultura. Pois para os kaingang quando a cigarra canta já não tem mais geada e começam a cultivar as roças. A coleta de materiais para construção de casas, para confecção de artesanatos, as saídas para caçar, pescar e agricultura são realizadas conforme a fase da lua. Porque isso está relacionado à qualidade, durabilidade e da resistência do material ao ataque de pragas e caruncho.

Para os Kaingang, o termo **nãn kusa**, expressa significado de **mata fria** ou mata fechada, sendo o lugar onde existe uma vegetação mais alta e densa que também pode significar **mata virgem,** em outras palavras que ainda não foi tocada pelo der humano**.** Essa parte é bastante conservada, pois ela abriga diversas espécies de seres vivos, tanto animais e vegetais.

4.2.Quantidade de mata e animais em três setores da T.I Guarita em relação ao passado

Setor Laranjeira

Houve muitos conflitos entre os Kaingang por querer espaço próprio para cultivar e usufruir daquele espaço. Então com o passar dos tempos foram formadas pequenos territórios dentro do grande território Guarita. Um deles é a comunidade da Laranjeira (Figura 3), que hoje é reconhecida como setor da Laranjeira, isto é, se tornou independente dos outros setores em 1996 com o mandato do atual cacique Valdonês Joaquim.

Figura 3. Representação do Setor Laranjeira,TI Guarita – Redentora RS/2014. Fonte: Escola Estadual Indígena Herculano Joaquim.

Segundo os relatos de dona Tereza Griá, moradora da comunidade Laranjeira (Figura 4), "*quando conheci este lugar, poucas famílias moravam espalhadas neste local. Eu vinha com a minha mãe e meu pai visitar os parentes que já moravam por aqui e nós morava do outro lado do rio onde hoje é Mato Queimado. E meu pai dizia: "**mũnỹ jẽnjóg ra, jamré ag vigve jé**"* (vamos para **jẽnjóg** visitar os **jamré**). *O nome da localidade aqui era **Jênjóg*** (Ovaia), *que é nome de uma arvore frutífera muito apreciada que havia em grande número neste local; sua fruta era deliciosa. Com o passar dos anos foram vindo mais pessoas fazer morada por aqui inclusive minha família diz ela. E a quantidade de mata era muito grande com bastante arvores frutíferas e arvores grandes. Não tinha estradas, apenas trilhas por aonde as pessoas iam se visitar. Naquela época havia em grande quantidade de animais para caça e era bastante consumida, não sabíamos comprar carne, pois meu pai caçava muito, e nós fazíamos armadilha para pássaros com os meus irmãs e pegávamos de montão*" diz ela. Ela lembra que as bergamoteiras e as laranjeiras que existem hoje neste lugar foram plantadas pelo senhor Herculano Joaquim, primeiro morador do lugar que foi sogro dela. Foi ele que trouxe mudas de laranjas da terra dos **fóg** (não índios) e plantou aqui e ele dizia que a localidade ia se chamar Laranjeira mais tarde e foi o que aconteceu. Por isso, hoje a escola da comunidade possui o nome Herculano Joaquim em homenagem ao primeiro morador local.

Figura 4. Entrevista com dona Teresa Gria, setor Laranjeira TI Guarita – Redentora – RS/2014. Fonte: pesquisa de campo.

Atualmente no setor há diversos tipos de vegetação como matas ciliares, capoeiras, matas em formação, mato ralo e pouca mata composta por variedades de árvores nativas, algumas frutíferas e outras não. Nesse caso, em relação ao passado muito foi destruído e substituído por lavouras. Mas, o que ainda tem de vegetação, todos são importantes com utilidade tanto na medicina kaingang como na alimentação. Por exemplo, as mais encontradas durante a nossa pesquisa são:

Karugmág - angico	**Kẽgtysa** - timbó
Pãnva - guabiroba	**Kẽtajug** - soita
Kyrẽr - capote	**Vyj** - guaju vira
Jymi - pitanga	**Fykóg** – canela catinga
Nérjór - cereja	**Kukrej** - araticum
Kẽgtánh – rabo de bugiu	**Kófé** - aroeira
Kẽtakó - cavalinha	**Pétór** - fumeiro
Ny - corticeira	**Mug** - ambú

Por isso, as pessoas evitam a extinção delas, principalmente os mais velhos da comunidade que ensinam os mais novos para não desmatar e também falam para nós professores trabalhar com isso na escola, para que as crianças nunca se esqueçam da importância das arvores na cultura e o nome das arvores em

Kaingang. Mas, há pessoas que muitas vezes provocam problemas ao meio ambiente, principalmente os que vêm de fora e isso preocupam as pessoas desta comunidade.

Através de uma conversa informal com alguns moradores registramos que dos 96 hectares do território da Laranjeira, mais ou menos 20% são de vegetação nativa. Durante a pesquisa foi feito um levantamento de alguns tipos de árvores mais presentes através da observação em uma das mata da Laranjeira e construído um gráfico com o número de árvores encontradas (Figura 5).

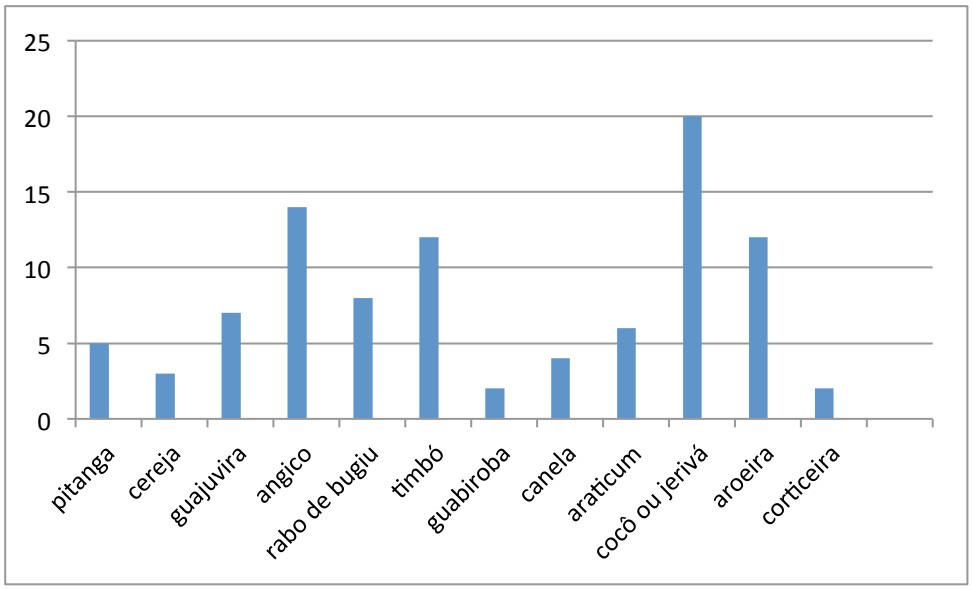

Figura 5: Número de árvores numa área de mata próxima à escola, a partir das observações feitas com os alunos da comunidade Laranjeira TI Guarita – Redentora RS/2014.

Assim também como nos rios da comunidade se encontra algumas espécies de peixes. Segundo os alunos Messias Gria, de 11 anos, e Fábio Ferreira, de 12 anos, ao pescarem perceberam três tipos de peixes nos rios da comunidade: o **ryn** (jundiá) **krẽkufár pẽ** (lambari) e **vósé** (cascudo).

No setor Laranjeira também é encontrada grande quantidade de matérias primas utilizada pelos Kaingang para confecção de artesanatos, como a taquaras e vários tipos de cipós que são encontradas nas matas ciliares à beira dos rios.

De acordo com relato através de uma conversa informal com o senhor Jesus Gria, morador da comunidade, conta que ali aparecem alguns animais ou caça como:

Kẽme - Veado	**Kasĩn mág** - Ratão
Se - Quati	**Sor** - Preá
Grun –Gato do mato	**Jẽmũje** – Lagarto
Hinh - Tatu	**Jẽsĩ** – Pássaros
Fójin - Ouriço	**Ninsu** - Lebre

Inclusive na casa dele chegam os **Kó'y** (jacus) para comer milho com as galinhas. Também através da pesquisa de campo foram avistados alguns sinais dos animais que vivem por ali como tocas de tatu, e rastros de outros animais.

Outro tipo de vegetação que chamou muito nossa atenção foi onde havia grande quantidade de **Tãnh** (coqueiros ou jerivá) que agora são as árvores frutíferas que mais há neste lugar (figura 6).Quando amadurecem os frutos dessas árvores as pessoas chegam ali para coletá-los, pois são muito deliciosos é um dos alimentos típicos indígenas.

Figura 6. imagem de uma vegetação formada por **tãnh** (coqueiro ou jerivá). Fonte: pesquisa de campo no setor Laranjeira TI Guarita – Redentora – RS/2014.

Setor Missão

Esta localidade é uma das primeiras comunidades que foram formadas na TI Guarita, onde as pessoas moravam espalhadas pela grande mata em pequenas aberturas feitas por eles mesmo com pequenas plantações segundo informações através de conversas informais com algumas pessoas da comunidade. Até que certo tempo apareceu um pastor com o nome de Norberto Shuats, vindo da Alemanha, com função de fazer missões entre os índios. Foi esse motivo que fez os Kaingang se juntar e formar essa comunidade.

O setor Missão possui esse nome por motivo dos pastores da Alemanha que chegaram neste local aproximadamente lá por 1946 a fim de realizar Missões junto aos indígenas,segundo o relato de dona Francisca Rẽgso Amaro, moradora deste setor (Figura 7). Diz ela que a mata era muito extensa e não havia estradas, apenas aberturas na mata por aonde as pessoas se deslocavam para visitar os parentes do outro lado rio, que hoje é conhecido como Rio Irapuá. Este lugar era chamado de Karugmág (angico), pois havia grande quantidade dessa árvore que era importante, pois é muito resistente, eram as utilizadas para fazer os cepos da casa. Havia grande numero de animais para caça e os rios possuíam grande variedade de **Krẽkufár** (peixes), **Pénĩ** (tartaruga). Essa moradora lembra que ali morava um velho curador (**Kujá**) e sua mulher, aonde as pessoas vinham buscar remédios, diziam que ele é primeiro morador local. E diziam que“*ele pedia para ser enterrado ali mesmo quando morrer, onde está o cemitério mais velho da Missão*” (Francisca Amaro). Ainda segundo ela, quando os alemães chegaram havia mata no local, eles que abriram para fazer as casas e disseram para nós que iam fazer escola e igreja, aí o lugar ia se chamar Missão. A partir desse tempo esta localidade passou a ser cuidado pelos alemães e ficou setor Missão, diz ela.

Figura 7. Entrevista com dona Francisca Amaro, setor Missão – Redentora – RS/2014

Atualmente no setor Missão encontra-se vegetação de diversos tipos, principalmente a mata ciliar, capoeiras, e vegetação rasteira, mata em formação, e pouca variedade de arvores nativa em relação ao passado. Pois, muito foi destruído conforme relato de dona Francisca. Atualmente, as matas são bem dispersas e ralos e aparecem poucos animais para caça. Apenas alguns pássaros circulam por ali, mas a grande variedade de espécie que havia não tem mais. Durante a pesquisa foi observado algumas espécies de arvores nativas presentes hoje no setor Missão como:

Mug - Ambú	**Vyj** – Guajuvira
Kẽtỹjug - Soita	**Kẽtỹkó** – cavalinha
Fykóg – Canela catinga	**Karugmág** - Angico
Kukrej - Araticum	**Fĩr** - Amarilho
Pãnvaru – Guabiroba verde	**Ny** - corticeira
Kyrẽr - Capote	**Kẽvẽfy** - Figueira
Kẽgtánh – Rabo de bugiu	**Kẽvigmy** – Pata de vaca
Kófé - aroeira	**Jymi** - Pitanga

A maior parte da vegetação que observamos foi capoeiras em formação e grande parte coberto com lavouras (figura 8).

Figura 8. imagem da vegetação e lavoura no setor Missão TI Guarita – Redentora RS/2014. Fonte: pesquisa de campo no setor Missão.

Atualmente as famílias do setor Missão moram pertos um do outro e poucos moradores estão no interior da localidade. E conforme as informações durante as aulas de estágio com alunos do 7º ano B, não há mais pratica de caça e aparecem poucos animais de caça também. Apenas os rios da comunidade possuem algumas espécies de peixes ainda e as pessoas praticam a atividade da pesca. No levantamento de nome das árvores que foi feito com os alunos foram registradas as seguintes árvores que formou o gráfico. (figura 9).

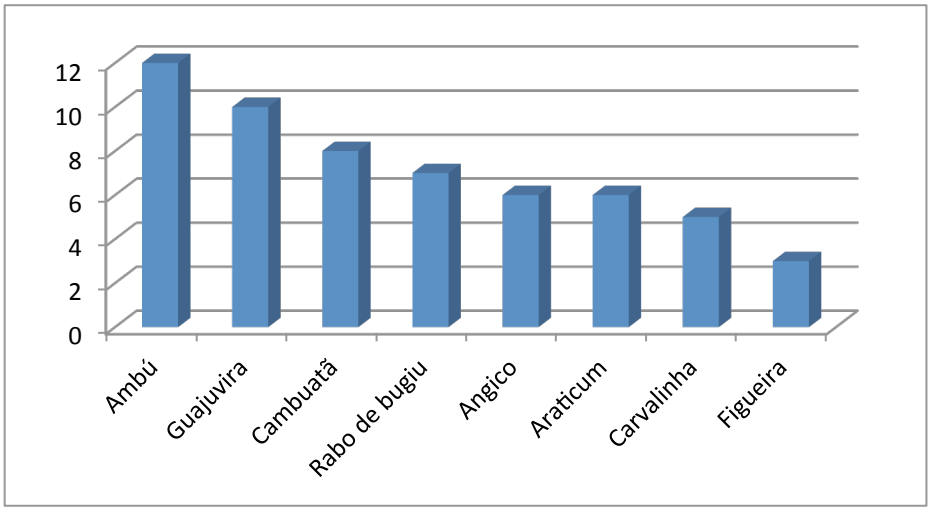

Figura 9: Numero de arvores numa área de mata visitada com os alunos próximo a escola estadual Davi Rygjo Fernandes comunidade Missão TI Guarita – Redentora RS/2014

Setor Linha Taquaruçú (KatiuGriá)

A localidade do setor Linha Taquaruçú possui sua história de formação com nome de uma das matérias-primas natural muito utilizada pelos Kaingang hoje para confecção de artesanato que é **Vãgvãsa** (Taquaruçú). Segundo relato do senhor Bento Fortunato 98 anos de idade, morador da comunidade, fala que "*antes de ser comunidade esta localidade era coberta por grande quantidade de taquaral e só um tipo. Por causa disso era chamada desse nome* ***Vãgvãsa****. E com o tempo veio morar neste local uma família que era do seu Katiu Gria, que era filho de um índio kaingang com uma guarani. E começou a abrir a mata e fazer morada mais o menos lá por anos 60, dali a pouco vieram mais famílias com sobrenome de Ferreira, logo já vieram mais famílias com sobrenome alfaiate, depois os amaros e Fortunato que são minha família, então o senhor Katiu Gria foi primeiro morador, por isso a escola tem esse nome em homenagem a ele*" diz ele. E sobre as árvores nativas ele fala que as frutíferas então ficando escassas porque as pessoas estão fazendo alguma coisa errada à eles, isso está bem claro, os espíritos das arvores não estão sendo mais respeitadas. Por isso, estão ficando poucos. "*A gente tem que conversar com a árvore antes de fazer qualquer coisa com ela tanto frutífera e não frutífera; seja coleta de fruta, folha, casca, raiz, flor, porque ela é igual a gente, se alguém pegar alguma coisa que nos pertence sem pedir ficamos bravo não é*" diz ele (Bento Fortunato).

Em entrevista com dona Joraci Fortunato, 45 anos moradora na comunidade Linha Taquaruçú (figura 9),ela falou sobre as caças que ainda aparecem na localidade. E os meninos praticam muito a atividade da caça ainda. As caças mais encontradas são: **Fãfãn** (tatus), **Se** (quatis), **Jẽsĩ** (diversos pássaros), **Ninsu** (lebres), **Kó'y** (nambús), **Fójin** (ouriço), nessa época que tem milho verde aparecem bastante nas lavouras de milho e são fáceis de caçar. E os meninos se juntam e vão caçar e preparam o animal caçado e comem, levam para escola para a professora provar a carne. Eles também praticam muito a pescaria em coletivo. Quando a lua é boa à noite, a gurizada se junta e vão para o rio pescar e trazem muitos peixes como o **Ryn** (jundiá), **Krẽkufárpẽ** (taraíra), **Vóse** (cascudinho) às vezes eles pegam até **Pénĩ**(tartaruga) também diz ela.

TUPẼ TỸ ÃG MỸ TÓ JA

_”Inh sĩ kã sỹ ka kanẽ tu tãpry kamẽ tỹvĩ jẽgnĩ. Hãra, ka ag tỹ tãn jafã nỹtĩg nĩ gé. Kỹ sóg ser kakri jẽ nĩ hamẽ. Hãra tóg **ker inh kym hã ragro tỹ, kagajgy tóg tĩ** ke mũ vĩmág han kỹ. Ãn ki isóg vé tére tu fũrũn kỹ vãnhvó mỹ ha ser”.

_Kỹ ãjag tỹ ka **kanẽ sá** kym jé mré vãmén vén nĩ hamẽ! (TUPẼ).

Nessa fala o senhor Bento Fortunato relata o seguinte:

_ Quando eu era criança gostava de subir em arvores frutíferas. Mas eu não sabia que elas tinham espíritos. Mas um dia vi que eles tinham. Estava em cima da árvore e de repente ouvi uma voz que disse “ não me corte com faca, porque isso dói muito”. “Aí desci depressa e saí correndo tudo”.

Por isso, quando vocês forem coletar as frutas, conversam com elas primeiro, porque tem o [6]**kanẽ sá** que precisa ser cortada para tirar as frutas.

(Bento Fortunato, 98 anos, aldeia Taquaruçu).

Nas matas no setor se encontra grande quantidade de árvores frutíferas ainda e quando é época de amadurecer as crianças vão coletar com seus pais ou às vezes vão só eles em grupos. O que têm mais é **Kanẽsá** (guabiju), **Kósán** (angá), **Kókũm** (vacum), **Jymi** (pitanga), **Tãnh** (coco ou jerivá), **Kukre**j (araticum), **Pãnva** (guabiroba), **Nérjór** (cereja), segundo a entrevistada.

[6] Kanẽ sá é uma arvore frutífera, suas frutas são parecidas com jabuticaba mas ficam nos galhos. É muito delicioso

Figura 9. Entrevista com a senhora Joraci Fortunato Setor Linha Taquaruçú TI Guarita – Redentora RS/2014. Fonte: pesquisa de campo.

Através da observação foi visto que o setor possui grande quantidade de mato composta por árvores nativas. Há poucas lavouras mecanizadas como as plantações de soja são poucas, há lavouras de milho, feijão, mandioca em pouca quantidade. As plantações que há no local são feitas pelos moradores mesmo sem muita agressão ao meio ambiente. E seu território faz divisa com a terra dos guaranis que ficam junto a grande mata conservada da TI Guarita.

E hoje no setor ainda a vegetação de taquaral é extensa, muito bem cuidada, pois é matéria-prima de muita utilidade para os moradores deste local como também faz parte da história da comunidade. E durante a pesquisa de campo foi feito levantamento de nome de algumas árvores e feito gráfico para analisar qual está mais presente neste setor (figura 10).

Segundo a entrevista, comparando com o passado já não há mais aquela madeira grossa de árvores que havia, pois foram tiradas para alguns fins pelas pessoas. O que tem hoje está em regeneração e está sendo bem preservada pela comunidade.

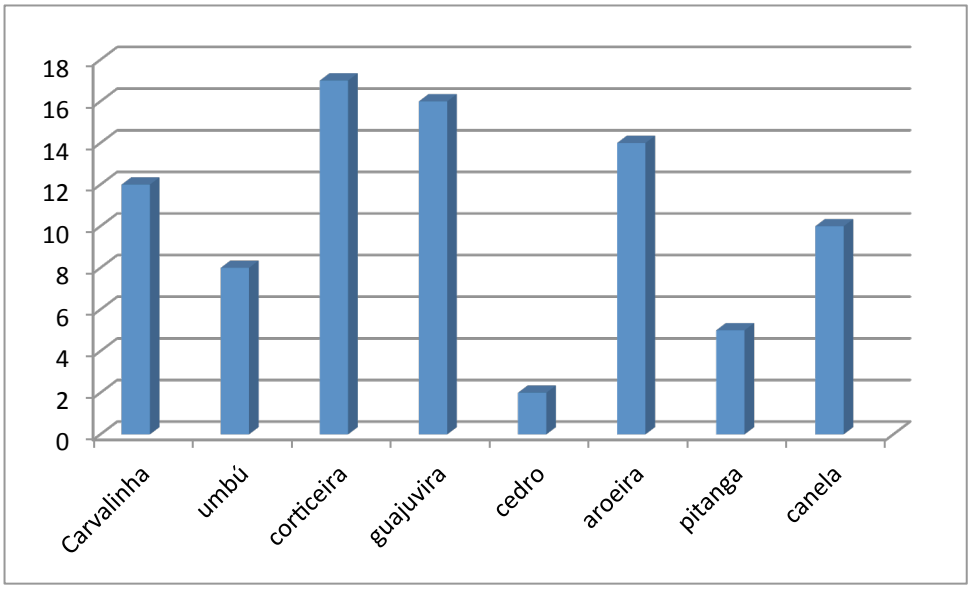

Figura 10. Número de árvores observadas durante um percurso no setor Linha Taquaruçú (KatiuGria).

Segundo a entrevista realizada no ano de 2005 com dona Francisca Camargo, na época com 83 anos de idade moradora da comunidade Setor Linha Taquaruçú (KatiuGria): "*antigamente os kaingang tinham seus próprios hábitos de marcar, calcular o tempo. Eles tinham mais relacionamento com a natureza, pois através da ação dela eles podiam perceber a passagem do tempo, a época de cultivar a roça, previam os acontecimentos, os pássaros avisavam, o aparecimento de certos animais e insetos eram avisos, isso tudo é natural e eles acreditavam. Também observavam através das fases da lua para coletar taquaras para confeccionar artesanatos, cortar madeiras para construção de casas. Eles também observavam sons diferentes prevendo o tempo para chuva e também para seca que se aproximava e muitas outras previsões. As horas, os dias eram calculados através da direção do sol. Pois conforme o sol vai se direcionando a sombra da pessoa da pessoa também muda a direção. Para calcular a idade das pessoas cuidava o florescimento das taquaras e para ela esse processo leva em torno de 15 a 30 anos, conforme a taquara. Eles também cuidavam o florescimento de algumas árvores para preparar a lavoura, cuidam cantos de pássaros que também avisam aparecimento de insetos, lagartas*"[...] (Francisca Camargo). Essa fala reflete a ligação histórica dos kaingang com a natureza.

4.3. O que provoca diminuição das espécies de animais e vegetação nativa como preocupação cultural kaingang

Preocupação cultural kaingang

Quando se extingue uma variedade tradicional de espécies de flora e fauna as comunidades indígenas perdem parte de sua história e de sua cultura, assim falam os nossos velhos, avôs, avós, que viveram um tempo completamente diferente na maneira de conviver com a natureza. Com isso, corre-se também o risco de fragilizar a sua existência, pois ao perderem recursos adaptados aos seus costumes, perdem junto partes da autossuficiência e autonomia que garantia as suas necessidades, tornando os dependentes de fontes e recurso de origem externa e da necessidade constante de adquiri-las.

Esta situação tem se agravado cada vez mais em nossa Terra Indígena por várias causas, como a destruição de ambientes para ampliação das áreas de agricultura e, a partir disso, oaumento também no uso dos agrotóxicos nas lavouras. As queimadas sem necessidadecontribuem com a redução de espécies de animais e vegetais. Segundo dados da SEMA (2005), as queimadas frequentes são grandes problemas de degradação ambiental nos períodos mais secos do ano.

E a presença do não indígena vem causando sérios problemas dentro da terra indígena, pois está havendo abuso no uso das terras indígenas no cultivo, situação que não poderia estar acontecendo. Nesse caso, as terras estão se tornando improdutivo, o solo desgastado e fraco. Além disso, o não indígena ensina os índios a usarem secantes para matar as ervas daninhas nas lavouras. E as pessoas estão usando sem proteção nenhuma e sem preocupação. Os rios também estão sendo prejudicados, pois o grande número de peixes que havia diminuiu muito, hoje há poucas espécies de peixes e as tartarugas que havia sumiram também. As fontes possivelmente estão contaminadas e não podemos mais beber água em qualquer lugar como de costume, pois isso pode causar problemas de saúde. A água contaminada não só prejudica as pessoas, mas também os animais silvestres que ainda temos no interior da terra indígena, porque eles bebem água dos rios e córregos e açudes.

A natureza também oferece aos Kaingang as folhas como alimento. Temos o **fuva** (erva moura) que costuma nascer no meio da lavoura ou onde foi feita colheita

de milho e as pessoas vão fazer coleta das folhas para consumo. **Kumĩ** (mandioca do mato) costuma nascer a beira das lavouras perto do mato ou nos roçados novos vem em grande quantidade, as suas folhas são coletadas e preparadas para consumo, **grỹ** (samambaia do mato) se encontra dentre a mata e nos roçados as pessoas coletam os brotinhos novos que estão para formar as folhas, **pỹrfé** (urtigão do mato) costuma crescer na vegetação baixa e no meio das capoeiras e são coletadas as folhas novas para consumo, **nár** (varanera) se encontra no meio da capoeira em grande quantidade, **siraj** (serraia) costuma crescer no meio das capoeiras e são coletadas suas folhas para consumo, **ranisa** (almeirão do mato) cresce no meio da capoeira e suas folhas são consumidas, **Karuru** (caruru) são plantas que nascem nas lavouras e suas folhas são alimento Kaingang. E esses alimentos ricos estão ficando escassos nos últimos anos. Isso preocupa, pois o consumo deles também vai diminuindo por estarem contaminados com agrotóxicos usados nas lavouras.

Mas, além disso, acontece também dentro da terra indígena as plantações de mudas de árvores perto de casa pelas famílias em pouca quantidade, mais para proteção e sombra como, por exemplo, o plantio de eucalipto, e em algumas comunidades há também o plantio de pinus, uva japonesa, amora, e alguns plantam mudas nativas.

Há algum tempo atrás foi tentado fazer um tipo de atividade na terra indígena Guarita através de um projeto denominado RS Rural. As pessoas se dividiram em grupos de dez famílias e para cada grupo foi feito módulos de um hectare. Este projeto forneceumudas de árvores para serem plantadas e todos do grupo participavam no plantio. Algumas mudas eram nativas e outras não. Mas depois os grupos se desfizeram e essa atividade terminou, pois não havia orientação nenhuma para a sua continuidade. Hoje há lavoura no lugar onde foram feitas essas atividades (figura 11).

Figura 11. Imagem de um modulo onde foi plantado mudas e hoje está sendo cultivado para lavoura. Setor Laranjeira TI Guarita – Redentora RS, 2014. Fonte: pesquisa de campo.

Outro problema mais frequente são as queimadas sem necessidade, feitas por pessoas que acham essa atitude, desastrosa, como diversão. Isso provoca grande impacto sobre os animais nativos locais e enfraquece o solo, pois a vegetação que está em formação acaba sendo exterminada de novo.

Segundo o senhor Norberto Emílio, em sua entrevista, relatou sobre essa preocupação das queimadas e da utilização dos secantes nas lavouras (figura 12), pois isso prejudica as árvores que estão perto dessas lavouras. Segundo ele, por isso há árvores frutíferas que não dão mais frutas, pois as flores caem antes do tempo.

Figura 12. Imagem de queimada observada em aula de campo com alunos da Escola Indígena Herculano Joaquim, agosto, 2014. Fonte: pesquisa de campo.

5. Considerações finais

Percebe-se que o meio ambiente na Terra Indígena Guarita passou por momentos significantes que são lembrados pelas pessoas. No passado, quando havia mais vegetação com araucárias (pinhão), que era um alimento muito apreciado pelos Kaingang, árvores de grande porte que serviam de proteção às pessoas e animais. Havia vários tipos de animais de caça e podiam caçar a vontade, havia mel limpo que era coletado para guardar e para consumo, era possível consumir folhas sem se preocupar com agrotóxicos, os moradores utilizavam ervas medicinais quando aparecia algum problema de saúde, as crianças eram banhadas com ervas preparadas pelo **kujá** para proteger contra doenças, os rios eram cheios de peixes diversificados e as famílias viviam acampando na beira dos rios sem preocupação com o tempo; não havia doenças estranhas como existe hoje, pois a maior parte do alimento era natural. São épocas que nossos avôs e avós lembram hoje com muita saudade, lamentando muito que presenciam nos dias de hoje.

Um dos fatores que mais causa lamentação as pessoas mais velhas foi a entrada do não índio dentro da terra indígena. Eles acreditam que o kaingang não faria o que o **fóg** (não índio) fez e faz hoje com a natureza modificando sempre o meio ambiente dos kaingang. O não índio só pensa em fazer grandes lavouras e

acaba prejudicando o ambiente, como também deixando o mau costume aos kaingang, pois já tem índio com mentalidade do **fóg**: esses também desmatam e querem plantar para comercializar e utilizam veneno nas lavouras.

No entanto, isso também faz parte do desenvolvimento global, o domínio tecnológico vem influenciando muito a cultura Kaingang a cada dia que passa. E a maioria dos jovens kaingang hoje conhece essas histórias e a importância da fauna e flora através de narrativas das pessoas mais velhas da comunidade e pela escola. Durante a pesquisa de campo, percebi a preocupação das pessoas com quem conversei sobre o assunto. Muitos exigiram que os professores indígenas trabalhemmais sobre esses conhecimentos na escola: nome de arvores em kaingang e português, nome das caças em Kaingang e português, para que as crianças possam conhecer e não deixem de valorizar os costumes de seus ancestrais e possam levá-los em frente e passar aos que virão futuramente.

6. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Etnobiologia e Biodiversidade**. Série de estudos e debates. NUPEEA, Recife/PE, 2005.

HAVERROTH, Moacir (org.). **Etnobiologia, saúde de Povos Indígenas**. NUPEEA, Recife/ PE. 1º edição, 2013.

HAVERROTH, Moacir. **Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang: terra indígena Xapecó.** NUPEEA, Recife/PE, 2007.

ISA. Instituto Sócioambiental/. **Terra Indígena Guarita**. Disponível em < http:// www. Socioambiental.org > cesso em setembro de 2014.

JESI, V.C. 1997. **Pássaros que avisam o bem e o mal**. In: Toral, A. et al. (org.) ẼgjamẽnkỹmũTextos kaingang. APBKG/DKaAustria/MEC/PNUD, Brasilia, 1997, pg.173 à 174.

MOUZER, Marcús V. de Souza. **Cartilha Agroflorestal Mbya Guarani Saberes Yva à**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

OLIVEIRA, Diogo. **Nhanderúkuerika'aguy Rupa** – as floresta que pertencem aos deuses Etnobotânica e Territorialidade guarani na terra indígena M'biguaçú /SC. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos avançados 24 (68): 81-101. 2010

PÖRSCH, Juliano. **Saberes da natureza e conhecimento etnobotânico indígena**: o caso da comunidade kaingang da Terra Indígena Guarita. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

RCNEI, **Referencial curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, DF, 1998.

SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Turvo.** Porto Alegre: SEMA, 2005.

Pessoas que colaboraram com informações:

1- Oreste Lisboa
2- Norberto Emilio
3- Ana Maria
4- Joraci Fortunato
5- Valdoir Vasco da Silva
6- Gilberto Sales
7- Bento Fortunato
8- Francisca Amaro
9- Tereza Gria
10- Jesus Gria
11- Cipriano Gria
12- Francisco Ferreira
13- Messias Gria
14- Fabio Ferreira

ANEXOS

Roteiro de entrevistas "**MUDANÇAS HISTÓRICAS MARCANTES DA FAUNA E FLORA PARA OS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA"**

Pesquisadora: Ivone Jagnigri da Silva

Comunidade: Missão
Entrevistado: Francisca Amaro
Idade: 92 anos
Data: Setembro de 2014

1- Como era a vegetação neste local antes de formar a comunidade?
2- Havia animais de caça?
3- Porque o nome Missão?
4- O que preocupa a senhora hoje em relação a vegetação?

Comunidade: Laranjeira
Entrevistado: Tereza Gria
Idade:
Data: Agosto de 2014

1- Que tipo de vegetação havia neste local antes de ser comunidade?
2- Havia animais de caça?
3- Porque tinha nome Jẽnjóg no passado?

Comunidade: Linha Taquaruçú
Entrevistado: Joraci Fortunato
Idade: 45 anos
Data: Outubro de 2014

1- Tem animais de caça nesta localidade?
2- Tem alguém que pratica a atividade de caça ainda?
3- Os rios aqui da comunidade tem peixes?
4- E nas matas há arvores frutíferas?